



LACHAT, Marcelo. Considerações sobre o *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor*, poema épico de Soror Maria de Mesquita Pimentel. In: *Revista Épicas*. Ano 3, N. 6, Dez 2019, p. 1-4. ISSN 2527-080-X.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MEMORIAL DOS MILAGRES DE CRISTO E TRIUNFO DO DIVINO AMOR, POEMA ÉPICO DE SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

CONSIDERATIONS ON THE *MEMORIAL DOS MILAGRES DE CRISTO E TRIUNFO DO DIVINO AMOR* EPIC POEM BY SOROR MARIA DE MESQUITA PIMENTEL

Marcelo Lachat¹
(Universidade Federal de São Paulo)

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor** (segunda parte). Prefácio de José Augusto Cardoso Bernardes; organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Todas as Musas, v. 2, 2017.

A poesia portuguesa do século XVII é um *corpus* ainda por se fazer. Muito do pouco que se conhece dessa produção poética, particularmente de seus gêneros lírico e satírico, está reunido e publicado em duas coletâneas setecentistas: a *Fênix Renascida* e o *Postilhão de Apolo*. Mas essas duas compilações, embora fundamentais, não abarcam, evidentemente, toda a copiosíssima poesia portuguesa seiscentista. Daí a necessidade de se compulsarem manuscritos e impressos do século XVII em busca de textos que possam dar novas feições ao *corpus* poético do Seiscentos; trabalho esse que alguns estudiosos vêm desenvolvendo nas últimas décadas. Entre tais pesquisas – que se podem dizer “arqueológicas” –, insere-se a de Fabio Mario da Silva, que resultou nas publicações (em 2016 e 2017) de duas das três partes de uma epopeia portuguesa

¹ Professor adjunto do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). É doutor em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Entre suas publicações, destaca-se o livro *Saudades de Lídia e Armido, poema atribuído a Bernardo Vieira Ravasco: estudo e edição* (São Paulo: Alameda, 2018). E-mail: marlachat@hotmail.com.

seiscentista praticamente esquecida, composta pela monja bernarda – do Mosteiro de S. Bento de Cástris, em Évora – Maria de Mesquita Pimentel: o *Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (primeira parte) e o *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor* (segunda parte). Quanto à terceira, *Memorial da Paixão de Cristo e Triunfo do Divino Amor*, será publicada em breve. Dessa trilogia épica de Soror Pimentel, apenas a primeira parte foi impressa já no século XVII (mais especificamente, no ano de 1639, em Lisboa), sendo que a segunda e a terceira foram conservadas em cópias manuscritas que atualmente se encontram no setor de “reservados” da Biblioteca Pública de Évora.

Posto isso, cabe ressaltar que, no livro do qual trata esta resenha, Fabio Mario da Silva apresenta cuidadoso estudo, transcrição e edição do *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor*, isto é, a segunda parte (até então inédita) da epopeia de Soror Pimentel. Assim, de acordo com Silva, não se sabe ao certo a data de composição do manuscrito em que se preserva esse poema épico sobre os milagres de Cristo, supondo-se que tenha sido escrito entre 1631 e 1637. Além disso, refletindo acerca do fato de essa segunda parte do *Memorial* – constituída de treze cantos em oitavas – não ter sido impressa no século XVII, como ocorreu com a primeira, o estudioso conjectura que tal publicação não se materializou devido a “uma possível quebra de decoro” (p. 17). O ponto crítico dessa provável falta de decoro religioso seria, conforme Silva, a descrição do regozijo amoroso de Cristo com as ninfas (que tem como evidente modelo poético a chamada “Ilha dos Amores” d’*Os Lusíadas*), especialmente na seguinte oitava:

Em doce incêndio o mar estava ardendo
E quantas deidades nele estavam
A fermosura e luz do Senhor vendo
Dentro nas mesmas ondas se abraçavam
Ele nelas o Amor ia estendendo
Cujas divinas chamas se atiçavam
Que não puderam nunca dele as fráguas
Apagar largos rios, mares de água.
(*Memorial dos Milagres*, canto VI, est. 60)

A imitação da épica camoniana é, certamente, determinante no poema de Soror Pimentel. No entanto, como aponta Adma Muhana no prefácio do *Memorial da Infância* (ou seja, a primeira parte da epopeia composta pela monja bernarda), trata-se

de um poema épico [o *Memorial*] cuja estrutura se assemelha menos à epopeia greco-latina, em sua preceituação aristotélica, do que às ficções seiscentistas, com seus episódios alinhavados a modo de lugares de peregrinação, ou de cenas quase autônomas, numa sucessão de quadros singelos, feminis, de uma amorosidade gentil e humilde. Embora seu modelo poético explícito seja *Os Lusíadas*, que em grande parte segue os paradigmas de Homero e Virgílio, expõe uma concepção menos unitária, como a hesiódica *Teogonia*, ou as *Metamorfoses* ovidianas, enfeixando pequenos e inteiros quadros poéticos (In: PIMENTEL, 2016, p. 7).

Na segunda parte do *Memorial*, que dá conta dos milagres de Cristo, também se mostram “quadros singelos, feminis, de uma amorosidade gentil e humilde”. Por isso, Fabio Mario da Silva, no estudo que

precede a edição do *Memorial dos Milagres*, salienta que Jesus é, obviamente, o herói dessa epopeia, mas é igualmente fundamental e heroica a *persona* da Virgem Maria, pois foi por meio dela que se deu a vinda do Salvador; e a salvação do mundo só foi possível “graças à santidade de uma mulher” (p. 24). Consequentemente, a narradora do poema, atendendo ao seu *ethos* de mulher e religiosa, destaca o papel feminino nos diversos milagres narrados, os quais culminam, no canto XIII, com o maior feito milagroso de Cristo, realizado devido à intervenção e às súplicas de Marta e Maria – a ressurreição de Lázaro:

Oh ínclita façanha, obra estupenda,
Maravilha, divina, alta e subida
Virtude que só nesse é bem se estenda
E mostre que tem força sem medida,
Pois sem que a morte dela se defenda
Em sendo esta palavra despedida
Mostrou ser seu império tão altivo
Que Lázaro difunto ficou vivo.
(*Memorial dos Milagres*, canto XIII, est. 61)

Todavia, o poema também exalta qualidades masculinas; como bem indica Silva, evidencia-se, por exemplo, “o vigor físico e espiritual do herói” (p. 34), principalmente em sua luta contra Lúcifer: “a narrativa descreve as vestimentas dessa batalha celestial, associando os trajes a determinadas características: Lúcifer, aos sete pecados capitais, Cristo, às virtudes divinas” (p. 35). Esse combate se inicia na estrofe 67 do canto II, na qual Cristo golpeia – com sua “valorosa espada” – Lúcifer, e termina na estrofe 82 do mesmo canto, quando “Cristo a Lúcifer tal golpe serra / Que lhe entrou a espada pelos peitos / E ambos os joelhos pôs em terra”.

Além do estudo crítico do poema de Soror Pimentel, Fabio Mario da Silva faz ainda um minucioso comentário acerca dos “critérios da edição e da transcrição de texto”. Desse modo, o pesquisador afirma que, conquanto tenha atualizado a ortografia do manuscrito seiscentista do *Memorial dos Milagres* – composto de 295 fólhos –, buscou “preservar, na medida do possível, a grafia com valor fonético tanto quanto as peculiaridades da língua portuguesa do século XVII” (p. 43). Outro relevante critério adotado, que se baseou no trabalho de Rita Marquilhas sobre as diferenças de pontuação entre textos manuscritos e impressos no Seiscentos e no Setecentos, foi a manutenção da “quase falta de pontuação na obra manuscrita que está depositada na Biblioteca Pública de Évora sob a cota 406 do fundo Manizola” (p. 44). E, com base em critérios filológicos, Silva considera, então, que esse documento seria “um manuscrito copiado do autógrafo”, não havendo “certeza se tal cópia manuscrita foi ou não revista pela autora” (p. 45).

Finalizadas essas consistentes e esclarecedoras considerações introdutórias do pesquisador-editor, lê-se no canto I, na proposição do *Memorial dos Milagres* de Soror Pimentel, qual é a matéria principal do poema:

As obras de grandeza soberana
Os prodígios divinos milagrosos,
Com que o verbo eterno em Carne humana,
Fez os olhos que os viram venturosos
Cantar com voz quisera nele ufana

Em versos modulada numerosos
Se tão ditosa for que a sua alteza
Faça meu verso digno desta empresa.
(*Memorial dos Milagres*, canto I, est. 1)

O assunto central dessa epopeia, portanto, são “as obras de grandeza soberana”, ou melhor, “os prodígios divinos milagrosos”: em suma, os milagres de Cristo. Ainda que, como já ressaltado, esse *Memorial* seiscentista não siga estritamente, ou não apenas, a preceptiva antiga greco-latina sobre o gênero épico, é pertinente lembrar que, segundo a *Poética* de Aristóteles (2008, p. 105), a epopeia é uma imitação (*mimesis*) que tem como objeto “homens de elevada índole” ou “superiores”. E Horácio explicita, tomando como modelo a poesia de Homero, qual é a matéria adequada à épica: “Res gesta e regum que ducum que et tristia bella” (*Epistula ad Pisones*, v. 73); isto é, os feitos de reis e de chefes, bem como as tristes guerras. No poema épico de Soror Pimentel, o herói de elevadíssima índole e mais do que superior é Cristo, “verbo eterno em carne humana”, cujos grandes feitos que se cantam são milagres.

Belo exemplar da produção letrada conventual portuguesa do século XVII, o *Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor* é, enfim, uma obra épica de caráter religioso, a qual Fabio Mario da Silva reinsere nas letras seiscentistas portuguesas com esta louvável edição: nova feitura de antigo *corpus* poético.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 8ª edição. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2008.

HORÁCIO. **Arte poética**. Introdução, tradução e comentários de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Livraria Clássica, s/d (coleção bilíngue).

PIMENTEL, Soror Maria de Mesquita. **Memorial da Infância de Cristo e Triunfo do Divino Amor** (primeira parte). Prefácio de Adma Muhana; organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Todas as Musas, 2016.

_____. **Memorial dos Milagres de Cristo e Triunfo do Divino Amor** (segunda parte). Prefácio de José Augusto Cardoso Bernardes; organização, notas e estudos introdutórios de Fabio Mario da Silva. São Paulo: Todas as Musas, v. 2, 2017.